L Francisco Mello Franc

O. REINO. DA. ESTUPI-DEZ.

Prefacção.

Todos os Poemas, apenas apparecerão nos seos diversos tempos á luz do mundo, forão logo marcados com o sello de huma justa, ou injusta Critica. Os homens ambiciosos de gloria, e invejosos da boa fama de outrem, não soffrem ver felizmente executado por outro o projecto, que elles não poderião talvez desempenhar. Desta critica pois somente escapão aquellas obras, que não podem adquirir para seos auctores gloria alguma. Além desta razão geral, que arras-

tra

Prefação

tra todos os homens a criticarem aquellas obras, que elles mesmos no fundo do seo coração reco=nhecem por grandes, se tem visto em todas as idades apparecerem espiritos da contradicção, que para se fazerem celebres tem pe=gado, na pena & exercitado os seos vastos engenhos contra escritos de homens verdadeiramente sabios. He esta a infeliz sorte de todas as obras grandes, athe que o tempo as faça conhe=cer tais, quais ellas são. Critique-se portanto muito embora o Poema intitulado o Rei=no da Estupidez, vitupere-se o seo auctor, q. tambem Homero morreo desprezado d'aquel=les mesmos, que aos depois lhe levantarão es=tatuas: Virgilio experimentaria a mesma sorte, se não fosse hum Imperador sabio, que o estimava: Camoens viveo, e acabou sob=mergido na miseria, & Voltair auctor da grande Henriade sustentou ao principio inummeraveis Criticas. Não he o meo in=tento comparar o Reino da Estupidez aos grã=des Poemas destes sempre immortais Es=critores: bastaria olhar para os sublimes assumptos, q. se proposerão a cantar Ho=mero, Virgilio, Camoens, Voltair, e ver o do Reino da Estupidez, ~~[illegible]~~ de hum da vista para conhecer quanto aquelles de=vem exceder a este, por habil que seja a mão, que tratou similhante assumpto. He differente descrever as acções de heroes, por quem a posteridade tem ja huma an=ticipada veneração, fundada na unifor=me tradicção de todos os antepassados, ou can=tar

tar huma Deosa fingida, chamada a Estupidez, que vem fundar seo Reino na Lusitania: he differente tecer n'hum Poema Epico o elogio do Heroe, em que a liberdade Poetica unida com a verosimilhança pode fingir tudo, o que fizer a bem do seo Heroe, com tanto que se não proceda contra as regras do Poema, ou fazer a Critica de huma sociedade, onde o Auctor se deve conter nos limites da modestia, e da verdade. He finalmente conforme os differentes assumptos, que se pode ou não patentear o genio do Poeta: huns mostrando huma vasta, e desembaraçada planicie, onde a imaginação se pode elevar, e correr á sua vontade: outros abrindo-nos tam somente hum estreito logar, de cujos limites todo, o que sahir, cahe em profundos precipicios, e cheio de espessa ramagem, onde he preciso andar sempre curvado. He por tanto a differença, que ha entre o assumpto do Reino da Estupidez, e o dos celebres Poemas, que tem apparecido no mundo, que dá logar a dizerem os Criticos do ditto Poema, que elle he sem graça, despido d'aquellas dificuldades, que se oppõem aos Heroes na execução dos seos projectos, as quais fazem o bello, e o maravilhoso de todos os mais Poemas. Mas se o auctor pertende mostrar o Povo de Portugal, como hum Povo destituido

do mi=

do minimo soccorro de Minerva, sepultado nos abismos da ignorancia, e prompto a hirse sobmergindo á proporção, que elles se lhe abrirem, como poderia elle fingir ou Minerva, ou o mesmo Povo oppor-se aos rapidos progressos da Estupidez? não provaria isto mesmo contra os intentos do auctor que Minerva soccorria este Povo, e que inda não estava de todo possuido da ignorancia; pois resistia á Estupidez, que o queria dominar? Nós vemos a habil idéia do Poeta fingindo ja em França, já em Inglaterra oppor-se Minerva, e o Povo á Estupidez, mas por que? porque elle quer, como deve, louvar França, e Inglaterra, criticar a Portugal.

Em quanto ás personagens conservarem sempre o mesmo caracter, parte tam essencial na Poesia Epica, nós a vemos felizmente observada neste Poema. Os vicios personalizados falão, e obrão da mesma sorte, que falaria, e obraria hum homem por exemplo estupido, raivoso, ou fanatico &c. As pessoas, que se criticão, quem as conhecer pode ver a similhança dos seos costumes, com os que se-lhe aplicão neste Poema.

Tendo falado do Reino da Estupidez em geral, segue-se o observarmos cada huma das suas partes em particular. A

proz=

proposicaõ, posto que criticada por muitos, naõ pecca com tudo contra as regras. Nós naõ vemos em parte alguma, onde se nos dem os preceitos do Poema Epico, reprovado este modo de principiar, antes o vemos approvado, e observado pello grande Virgilio. Este insigne Poeta costumado a cantar entre os Romanos ~~assump~~ assumptos agrestes, e baixos, principia o seo Poema dizendo-nos: que elle já naõ canta assumptos do campo, como d'antes, mas que celebra huma materia mais sublime, as armas, e o varaõ, que fugitivo da sua patria foi o primeiro, que navegou de Troia a Italia: elle principia deste modo, para dar ao Povo Romano huma ideia mais alta do assumpto, que elle vai cantar, acima de todas as suas Eclogas, e Georgicas, que o mesmo Povo tinha visto. Da mesma sorte começa o nosso Poeta avizando-nos: que elle naõ canta aquelle heroe pio, e valente &c.ª mas que pertende cantar a molle Estupidez: afim de nos dar huma ideia mais clara da novidade do assumpto, que elle se propoem a cantar, como se nos dissesse em geral: que elle naõ celebra as acçoens de Heroe algum; porem canta a entrada da Estupidez em Portugal.

Do inviolavel preceito, que nos dá Horacio na sua Arte Poetica, de naõ principiarmos a narracaõ d'aquella acçaõ, que se pertende cantar, desde a sua primeira origem, se lembrou perfeitamente o nosso Poeta, porquã-

to

to elle principia fingindo a Estupidez sahindo da cova, para onde Minerva a tinha desterrado, sem nos relatar o como Minerva expulsou a Estupidez da Europa.

Seria finalmente em vaõ que hum Poeta trabalharia em formar hum Poema conforme as regras, se elle fosse despido destes adornos Poeticos, comparaçoens, descripçoens, bellas ficçoens, que encantaõ o espirito. Tudo se acha no nosso Poema: proprias comparaçoens, como a do 1. Canto versos 135: a do 2. C. 86: vivas descripçoens, como as do 1. C. v. 12. e 51: as do 2. C. no principio, outra v. 107: a do C. 3. v. 260., e a nobre ficçaõ do sonho do Prellado, que o resolve a aceitar a Estupidez, e outras infinitas bellezas, que he escuzado notar aqui.

Falemos em fim da ultima Critica, que se faz ao Reino da Estupidez, que he sobre a froixidaõ dos versos. Eu naõ posso deixar de confessar que ha neste Poema alguns versos froixos, o motivo, que me obriga a notar as suas bellezas, he o mesmo, que me faz conceder esta pequena falta. Demos alguma coiza á fragilidade humana, attendamos a que naõ há obra perfeita, e confessemos em fim que a froixidaõ de alguns versos fica recompensada com a elegancia de outros.

Argu=

Argumento.

A Estupidez lançada fora da Europa por Minerva, pertende recobrar seos Reinos; para isto chama em seo socorro a Raiva, a Inveja, o Fanatismo, a Hypocrizia, e a Superstição. Vão todas a França, onde fazem os esforços possiveis para sojeitarem este Povo ao seo dominio; porem Minerva o anima, ficando assim frustrados os trabalhos da Estupidez. Voltão a Inglaterra, onde experimentão a mesma sorte. D'aqui partem para Lisboa, onde querendo ver se acharião huma fortuna mais favoravel, tomão todas diversas figuras, correm os lugares da Cidade, para conhecerem os sentimentos do Povo: depois se ajuntão, e cada huma dá parte do que vio. Partem finalmente para Coimbra, cuja noticia levando a fama a esta Cidade, o Reitor convoca hum Claustro pleno, para decidir se devia ou não receber a Estupidez, votão todos os Lentes que se devia receber: o Reitor vacillante, lhe aparece de noite o Fanatismo na figura de hum rapaz gordo, o qual lhe diz que receba a Estupidez. Atemorizado o Reitor com a visão, manda logo lavrar o Edital, para que no dia seguinte de tarde vá toda a Universidade em prestito alem da ponte esperar a Estupidez, a qual fica esta noite no convento dos Cruzios. No outro dia pella manham a vão buscar todos os Doutores a cavallo, e ella vem n'huma berlinda para a Universidade, em cuja salla he recebida, o Reitor a coroa, e jura vassallagem, e todos depois lhe beijão a mão.

Rian

Rien n'est beau, que le vrai: le vrai seul est aimable.

Estue

O Reino da Estupidez.

Canto Iº

Não canto aquelle heroe pio, e valente,
Que depois de ter visto a cara patria
A Cinzas reduzida, e campo raso,
Mil perigos contrastando hum clima busca,
Aonde com os seos ditoso seja:
A molle Estupidez cantar pertendo,
Que distante da Europa desterrada
Na Lusitania vem fundar seo Reino.
Dicta-me ó Musa, que eu não posso tanto,
Os nobres feitos, e diversas causas,
Que a esta grande empreza acompanharão.
Hum feio monstro de cruel figura,
Desgrenhado cabello, vesgos olhos,
Disforme ventre, circular semblante,
Da lugubre caverna, onde jazia,
Bocejando sahio, e longo tempo
Nas visinhas montanhas reparando,
Estas vozes soltou de magoa cheias:
He possivel que a Deosa, que occupára
De sabia o nome, e ser de Jove filha,
Dos meos vastos dominios me expellisse,
Chaja sobre o meo feito o seo throno?
Esta inacção quero deixar hum dia,
Não ha-de ser assim, esta tiranna
Ha-de ser huma vez o quanto posso.

A fria

Estupidez

A fria Estupidez accesa em ira
Tanto já mais se vio: ao Reino escuro,
Onde mora a macilenta inveja
Com a furioza, vingadoira raiva,
Quanto lhe soffre a natural inercia
Ligeiramente marcha; ó fortes Deozes
Solucando lhe diz, se tantas vezes
Em tais emprezas, já me soccorrestes,
Não podereis deixar tambem agora
De dar-me a mão em tão aflicto cazo:
A soberba Minerva injustamente
Depois de meos dominios ter roubado,
Dominios, que na Europa tanto prezo,
Por cumulo de mal em feias selvas
De nimguem habitadas me desterra.
O fero coração das negras Furias
Por ser cauza commua internecerão
Da molle Estupidez as brandas queixas.
Deixai amiga Irmam, somente dizem,
Vinde tambem comnosco, e vingaremos
Essa injustiça, q. te fez Minerva.
Em si não se fiando tambem chamão
O duro Fanatismo, a Hypocrizia,
E tu Superstição, que tanto podes
Nas credulas Nacoens, não a deixaste.
Em forte batalhão todas armadas
Os Elementos turbão, negra nuvem
De mil coriscos prenhe Encaminha
A' parte, onde sopra o frio Noto.
A raivoza cohorte ali se encobre,
Subtis estratagemas ali traça.
Já França se lhes mostra, e destramente
Tomando cada qual sua figura,
Para o combate espreitão util meio.
Então

Canto 1.º

Então o Fanatismo, que tomára
Hum ár sisudo, e marcha compassada,
Vendo reinar somente a humanidade
De tristeza, e rancor se despedaça,
Suas maximas duras espalha
Já entre o Povo, ou entre a sabia gente:
Em vão he trabalhar, com riso e mofa
A porção mais sisuda lhe responde.
Mas o povo huma vez entre apupadas
Pellas ruas o corre duramente,
Qual o cão, que danádo se presume.
Da vil Superstição, da Hipocrisia
Mais effeitos os trabalhos não produzem,
Reinão a seo pezar a singeleza,
Nos costumes candura, e sam verdade.
Minerva, que o ardil não desconhece,
Nos animos infunde novas luzes,
Luzes, que dissipando a fusca nevoa,
Com que a Secta sezão manchada fica,
Com proprias cores a verdade pinta.
Da Galica Nação ligeira, e douta
Mil pragas vomitando fogem todas.
Irados inda mais ligeiros buscão
A Brittanica gente: attaques novos
Em concelho dispoem, ferve de novo
Nos bravos coraçoens rancor funesto,
Fulminão tudo, a toda a parte correm;
Mas que importa, se a este profundo povo
Brilhantes aparencias nunca illudem,
Se buscão por entre a verdade o falso,
Manifesta divisa, e so descança,
Quando das coisas tem a sam medida.
Desesperão d'ali as Furias logo,

Voão

Voão, não fogem desta gente dura,
Aque intratavel, e ferina chamão:
Vão discorrendo pello frio Norte,
Aqui, ali novos combates dando.
A Deosa tutelar vendo com susto
Que alguns dos seos a vacillar começão,
Que se deixão levar dos vis enganos,
Convoca incontinente hum grão congresso
D'aquelles, que sustentão fortemente
O seo brilhante, e magestoso Throno:
Alumnos meos, mas não disse tudo,
A falar principia desta sorte,
Amados filhos, que da infancia tenho
A meos peitos nutrido, e com disvelo
A vos, a vossos payz tenho livrado
Dá vil escravidão, em que os tivera
A froixa Estupidez em outro tempo:
Sabereis que este monstro bafejado
De muitas Furias, que tornar-lhe jurão
Seos antigos dominios, disfarçado,
Armando laços entre vós pansia,
A vosso lado noite, e dia véla;
Mas de modo tem sido os seos encontros
Que entre vós sinto algum ja titubante.
Que magoa a minha, que pesar não fôra,
Se em triste cativeiro inda vos vira
Commigo ingratos, para vós tyrannos!
A o Leão rugidor, que em torno gira,
Constantes resesti, as almas fortes
Com fantasticas formas não sossobrão.
Qual destro Capitão, que descortina
Ardilosas ciladas do inimigo,

Nã

Canto V.

Na nossa frente pelejando marcha,
Victoria conseguio já d'ella França,
Outro tanto tem feito a gente Ingleza
  Com estas vozes tal esforço inspira
Nos vacillantes peitos, que ligados
Hum corpo fazem, como nunca firme.
De novo as Furias seos ardis empenhaõ,
Multiplicaõ combates, dobraõ forças;
Mas a sabia cohorte aperto aberto
Sem perigo alcança a vencedora palma,
Qual annoso Carvalho, cujos ramos
Tanto procuraõ as cinzentas nuvens,
Quanto as raizes vaõ minando a terra,
Desprezã immovel a soberba força
Dos ventos zunidores, que os combatem.
Sendo sem fructo o seo trabalho as Furias,
A certo aceno se congregaõ todas
Em hum occulto logar, onde só moraõ
As negras sombras da tristonha noite.
  A Raiva entaõ, de cujos vesgos olhos
Scintila o odio, e a cruel vingança,
Assim ás outras fala em tom irado:
  Será possivel que hum poder tam forte,
Qual he o vosso, e qual o meo conheço,
Em nada possa! que nenhum effeito
Haja destas fadigas resultado!
  Ao lado chora sem dizer palavra
Afflicta a Estupidez, e largo espaço
Aquella magoa poem nas lingoas freio.
Se naõ quando depois de feita a venia,
Deste modo ~~começa~~ o Fanatismo:
  A vosso, e meo pezar já tendes visto

Que

Que sueamos em vão, Minerva inspira
Os duros peitos desta gente infame;
Deixemos pois estes gelados climas
Bem digna habitação de tais cabeças:
D'aqui fujamos para o meio dia;
Pois de toda a Europa he mais dittoso,
Aqui mais resistencia não teremos,
O povo habitador deste terreno,
A pezar de contrastes já passados,
A meo mando vivo sempre sojeito.
Não Mores, cara Irmam, o teo Imperio
Segundo creio lá verás fundado.
Fugir, fugir desta inimiga terra.
Todas a huma voz promptas concordão,
Da fria região logo desertão,
E sobre as azas dos ligeiros ventos
As amenas Hespanhas vão buscando.

Canto 2.º

Era alta noite, e o engelhado Inverno
Já começava a sacodir as azas,
Que ao sereno gotejão frio orvalho,
Dormia tudo, e só nas ermas ruas
Errantes caens ladrando se encontravão.
Foi então que a Lisboa rica, e vasta
Em segredo baixou o bando infame.
Se á soberba Madrid primeiro irião
Evitárão, em quanto o Fanatismo
Não decidira, que o Luso Reino,

Como

Como a mais certo, começar deviaõ.
Por acordo commum assentaraõ todas
Que aos publicos logares com disfarce
Ir sem demora devem, para que espreitem
Que diz o vulgo, que censura o sabio,
Huns que murmuraõ do actual governo,
Que louvaõ outros: desta sorte podem
Cahir milhor, no que fazer se deve.
Dispersas pella Praça vaõ notando
As praticas diversas, a que assistem,
Naõ só ouvindo, mas tambem seo voto,
Como a bem lhes faria, declarando.
Naõ deixaõ sem visita parte alguma,
De formas differentes se revestem,
Ja de homem, de molher, de moço, ou velho,
De casquilho, de Frade, ou de Jarreta,
Segundo julgaõ que requer o caso.
Nesta pesquiza muitos dias andaõ,
Athé que chega o desejado instante,
Em que haviaõ proposto se ajuntarem,
Para em pleno concelho darem conta
Do que ouviraõ dizer, do que fizeraõ,
Em occulto logar, que naõ perturbaõ
Nem o tropel dos anafados machos,
Nem das velozes rodas o ruido,
E nem do povo o barulhado trato,
Logar, que fica alem do claro Tejo.
As vagas sentinellas se congregaõ,
Duvidaõ entre si qual dellas ha-de
Dar primeiro razaõ, do que passaraõ:

Da sua

Estupidez

Da sua parte cada qual recusa;
Mas nisto a Raiva impaciente fala:
Não noteis, companheiras, que eu primeira
Tome mão da palavra, serei breve,
Nem deve para nós haver cerimonia.
Por mil sitios andei, andei de noite,
Assisti huma vez a hum caso grande,
Era hum Cadête de figura esbelta,
Que dizião ser filho de tal Conde,
Vestido muito bem de ponto em branco,
Huma espada tremenda tinha á cinta
Toda de prata sem senão lavrada,
Para mais casquilhar era soldado,
Nem da guerra sabia a menor coisa;
Porem de namorar de todo o modo
Manejava milhor que o seu floreto,
Em que muitos progressos tinha feito.
Na assemblea passava as noites todas,
E nella com respeito era escutado:
Assentava comsigo que nos olhos
Trazer devia as settas de Cupido;
Pois para requestar qualquer Senhora
Não precisava mais, que por-lhe a vista.
Encontra por acaso hum velho grave
Com a sua familia passeando,
A huma filha pello braço tinha
Por bella conhecida, o que trazia
Havia tempo ao tal Cadête louco.
Apenas a conhece em torno gira,
Hum dito solta e outro disfarçado,
Na filha inquietação o velho nota,

No

No mancebo repara, e em seus gracejos
Dis-lhe que a deixe, e que não seja tolo,
Que a não serem os annos se vingára.
Do comprido floréte tira logo
O bravo militar, e namorado.
Quer defender-se o vacillante velho,
A dois passos porem ferido cahe:
Acode immensa gente; mas fogozo
Destroça tudo, e impunemente leva
Entre o tumulto a aturdida moça.
No fundo de seu peito o velho geme,
Ao Ministro se queixa magoado,
Este ao Fidalgo busca, e de bom modo
Propoem-lhe querer ao Pay levar a filha;
Qual sibilante[1] cauda[4], cuja[3] cobra[2]
Pisou incauto o feroz caminhante,
Assim no militar se acende a ira,
Descompoem o Ministro, e se não foge,
Não voltaria, como foi, inteiro.
Fallo sucesso espera o Pay aflicto,
Em resposta o Ministro só lhe torna:
Amigo, são Fidalgos, tenho feito
Da minha parte, o que fazer podia,
Para os pequenos só as Leys tem força.
Folguei de ver esta ousadia, e fogo,
Que nas outras Nações ja mais notára.
Vi de noite roubar, tambem de dia.
Huma forte quadrilha de Marujos
Ha quem faz por ali maior faxina,
Nada medo lhe poem, nem tão da ronda,
Que de vis capateiros he composta,

Ede

E de outros tais, que dormindo levaõ
Por espadas espatos ferrugentos.
Isto vi companheiras, e mais coizas,
Que naõ refiro por naõ ser extensa.
   Logo a Superstiçaõ em pé se poem,
Mas fazendo primeiro mil manejos
O chaõ prostrada por tres vezes beija,
Outras tantas voltando certas coizas,
Faz sobre o coraçaõ quinhentas cruzes,
De baixo da camiza tambem tira
Huma grande almofada, que constava
De muitas oraçoens, muitas reliquias,
Ja contra maleficios, contra aperto,
E muitas contra a tentaçaõ da carne,
Beija, e rebeija o venerando breve,
E com os olhos para o Ceo erguidos
Com o mesmo se benze immensas vezes;
Deste modo disposta principia
A dar conta fiel do que passára:
   Taõ outro Portugal agora vejo,
Que o mesmo naõ parece: quem diria
Que estas pobres molheres, perseguidas
Do dragaõ Infernal, em pouco tempo
Haviaõ de encontrar pellos Conventos
Prompto socorro a seos crueis tormentos?
Mal haja esse Judeo, esse tyranno
Paulo de Carvalho, homem ferino,
Que ás tristes prohibio este remedio;
Ja naõ ha camaradas como d'antes:
Fui aos Frades Capuxos quarta feira,
Que coizas lá naõ vi edificantes!
Na portaria estavaõ certamente   Para

Para sima de cem, ou mais molheres,
Humas em converçoens, outras chorando,
Coisa má na verdade parecia.
Aparece depois hum Frade idozo,
Vinha de estola armado, e pella cara
Todos criaõ que ja era hum santo:
Naõ era destes Frades, que capricaõ
Em trazer os çapatos de camurca
Muito amarello, e o calcanhar burnido,
Que o cabello pentiaõ, que arregaçaõ
O escovado burel, quando passiaõ:
Este naõ era assim, de muito estudo
Via pouco, e seos óculos trazia,
Cuidava nos habitos tam pouco
Que no peito trazia de simonte
Mui boa quarta, se naõ fosse arratel.
Apenas se avistou, humas entraraõ
A fazer-se em pedaços, outras davaõ
Horrendos ruidos, como caens famintos;
He dor de coraçaõ ver tais martirios.
Surpenso esteve o Frade muito tempo,
Para todas olhando, e de repente
Em profundo silencio ficou tudo:
N'hum livro entrou a ler, primeiro baixo;
Mas depois carregando as sobrancelhas
Com huma voz de trovaõ irado lia,
Aqui he que foi pena, de improviso
Todos quebraraõ o silencio a hum tempo,
Tais hurros, tais bramidos atroaraõ

O Claus-

Estupidez

O Claustro todo, que inda hoje tenho
De susto o coração, como abafado.
O Frade cada vez mais lhe gritava
Batendo com o pé que se calassem:
A muito custo acommodou a bulha.
Suspiravão somente enternecidas,
Como quem de hum combate se livrára.
O exorcista já lia em voz mais mansa,
E benzendo-as tres vezes só lhes disse,
Que se fossem na paz de Jezus Christo.
Humas após as outras em fileira
Pondo em terra o joelho a manga beijão,
E com grande mizura se despedem.
Não pára aqui somente a caridade
Do bom Religioso, de outro lado
Aflictas Mãys com os filhos entre os braços
Ante os pés do exorcista as apresentão:
Humas lhe dizem que crueis lombrigas
As pobres criancinhas martirizão,
Outras lhe pintão os horriveis damnos,
Que aquellas innocentes recebião
De huma sua vizinha geralmente
Por bruxa, e feiticeira reputada;
Promptamente os benzeo, e com brandura
Huma pratica breve foi fazendo,
Que tivessem fé viva, em fim lhe disse
Que dosso Santo Padre se lembrassem.
D'esta longa fadiga descançava
Ja no seo aposento o bom Fradinho,
Quando o Porteiro a toda a pressa o chama:

Huns

Canto 2.º

Hum pouco de galegos carregados 1
Pello Padre Exorcista perguntavaõ, 3
De presuntos, pisuns, e de bom vinho 2
A sua caridade isto lhe rende, 4
E ser entre os seos Padres respeitado.
Lisboa ja naõ he, torno a dizer-vos,
A mesma, que ha dez annos se mostrava;
He tudo devoçaõ, tudo saõ terços,
Romarias, e Novenas, Vias sacras.
Aqui he a nossa terra, aqui veremos
A nossa cara Irmam cobrar seo Reino.
A fina Hipocrisia he quem se segue,
Com olhos baixos, macilento o rosto,
Longos vestidos de cor parda, e negra,
A fazer huma venia se levanta,
Depois em voz submissa assim começa:
A Cidade corri, e tive o gosto
De ver por quasi todos praticadas
As maximas subtis, que lhe pregava.
No publico passeio, onde concorre
A mais luzida gente desta corte,
Huma tarde me achei, e perto estavaõ
Quatro sugeitos de figura seria,
Em quanto ahi se via reparando,
Dizia hum delles: vejaõ bem amigos
Os ocos cascos destes dois mancebos,
Em logar de topetes concertados,
Medonhas conchas de sevelhos cagados
Das injurias do tempo lhes defendem
As vaidosas cabeças, os vestidos
Se naõ tem as feiçoens cá nos sovacos,

Saõ

Estupidez

São vestidos de ginja, e de jarreta,
No imbigo o espadim atravessado,
Por calções Holandesas calças trazem,
Gemem os pobres pes dentro dos talos
Dos bestrozos çapatos, carregados
Do peso enorme das luzentes placas:
Casquilhos á Mattera a isto chamão,
Muitos dias não ha que inda chefe
Era o contrario do que vemos hoje.
O ter de Portuguez o nome indigno
He a pena maior, que me atormenta,
Nomear Portuguez a qualquer homem
He fazer-lhe a maior descompostura,
Que pode proferir a aguda lingoa
De huma regateira enfurecida:
He chamar-lhe sem duvida macaco,
Somente imitador dos vãos caprichos
Das estranhas Nações, não das virtudes:
Sem rebuço he chamar-lhe hum ignorante,
Hum confirmado tolo, que não sabe
Nem artes, nem sciencias, nem commercio:
Miseravel Nação, que facilmente
Os thesoiros franqueza aos Estrangeiros
Por chitas, por fivelas, por volantes,
E por outras immensas ninharias.
Nisto estava inflamado o homem, quando
O fio lhe cortou aos seus discursos
O estrondo, que fazião nas calçadas
As fogomegantes rodas de hum carrinho.
Quatro anzados, e membrudos moços

Promp=

Canto 2.º

Promptos saltando da vermelha taboa
Ajudaõ a descer hum gordo Bispo,
Que na Corte se achava com licença,
Vinha todo de seda, e do pescoço
Huma cruz lhe pendia cravejada
De luzidas safiras, de brilhantes
O magestoso anel cegava os olhos,
E pouco menos as fivelas de oiro.
O austero secular ficou pasmado
A mirar o Prelado passeando:
Depois com vozes de algumas cheas
Para os outros se volta assim dizendo:
O' costumes, ó tempos primitivos,
Tempos, em que o Pastor só diffiria
Do seo rebanho pellas suas virtudes,
Pella vida exemplar, com que os guiava:
Quem o Santo Evangelho tem attento,
Do Supremo Pastor quem ler a vida,
A presença de hum Bispo petit-maitre
Como pode levar á paciencia?
Se o venerando Apostolo das gentes
Aqui aparecesse, poderia
Por companheiro ter hum homem destes?
O grande Paulo, que o enrugado rosto
Todos os dias de suor banhava,
Para naõ servir ja mais de peso
A seos caros Irmaõs, antes queria
Ganhar escasso paõ com seo trabalho:
Santa Religiaõ, tempos ditosos,
Ou tu naõ hés a mesma, ou teos Ministros

De pos=

Estupidez.

De pastores o nome não merecem
Nesta pratica sempre os quatro amigos
Se forão com a noite retirando.
Não fiquei do discurso satisfeita:
A horas, em que o Bispo ja dormia,
Medonha, e enormissima figura
Tomei, e como a setta dispedida,
A seo rico aposento fui direita.
Estirado em colchoens de branda pluma
Em profundo silencio repouzava,
Mil divertidos, e agradaveis sonhos
Ao redor do semblante revoavão;
Hum, a bella ansemblea das Senhoras,
Outros o Whiste, o bom café pintando;
De pena os fiz fogir, e promptamente
Seo lugar occupando, este discurso
Em breve lhe intimei com voz horrenda:
He possivel que durmas descançado,
Sem te lembrares do que diz o povo
Do teo modo de vida, do teo fausto?
Não digo que pratiques fielmente
As maximas austeras do Evangelho,
Para teres de Santo o nome honrozo
Não precisas de ~~tal~~ tanta austeridade:
Embora te regales, te divirtas
Inda mais, se he possivel, do que nunca;
Mas nisto deve haver certa medida.
Sê embora hum velhaco, hum libertino,
Hum lobo tragador do teo rebanho;
Mas devem outras ser as apparencias,
De outro modo serás mal reputado,

Emui=

Canto 2.º

E muita duração os teos prazeres
Não podem ter, se não mudares logo.
Do brando leito espavorido salta,
Na visão acreditta, e volta prêstes
Em menos de oito dias ao Bispado.
Em a dêstra liteira então passeia,
Aos pobres manda dar todos os dias
Seo caldo para jantar, e ás terças feiras
Dez reis a cada hum sendo aleijado,
Dizendo que occultava muitas coizas.
Acabou de falar a Hippocrizia,
Tam somente restava o Fanatismo,
Que tinha sobre todos ascendente,
E daquella palestra a prezidencia.
A vossa expoziçaõ, assim começa,
Com prazer escutei, tudo promette
Hum exito feliz á nossa empreza.
Aquelle furioso, e ardente zello,
Que em Paris fez correr rios de sangue
Na celebrada noite dos Francezes,
Aquelle matador, e fero genio,
Que os duros Castelhanos animava
A regar de Indiano sangue hum dia
O Mexico, e Perú, entre este povo
Agora mesmo suscitar podia
Hum Inglez, hum Gentio, e Mahometano,
Se as leijs civis o naõ vedanem tanto:
Com a mesma prestesa assacinados
Aqui seriaõ, como hum caõ se mata,
Pois por alma de caõ qualquer he tido,
Que a santa fé de Roma naõ professa.

Agora

Estupidez.
Agora pois só resta que assentemos
Se deve ser aqui, ou em Coimbra
A nossa casa Irmam enthronizada.
Nesta Corte annos ha se tem fundado
Huma coisa chamada Academia.
Mas isto quanto a mim sem differença
He hum corpo sem alma, que não pode
Produzir acção propria, ou hum fantasma,
Que em bem poucos minutos se dissipa.
O meo voto he que vamos demandando
O mesmo assento, d'onde foi lançada
A mana Estupidez injustamente:
Cobrar novos esforços he preciso,
Que por fim a victoria está segura.
Todas a huma voz nisto concordão;
Entre tanto saltava de contente
A molle Estupidez com tais risadas,
Que nos montes vizinhos retumbavão.

Canto 3.º

Do fertil Portugal quasi no centro
A vistosa Coimbra está fundada,
Fallo cuma soberbo do alto monte,
E pellas fraldas, que o poente avistão,
Vai-se ao longo estendendo, athe que chega
A beber do Mondego as mansas agoas:
De fronte outra montanha senhorea

A liz

Canto 3.º

A liquida corrente dividida
Da longa ponte pellos grossos arcos,
Aprazivéis campinas, ferteis valles,
Do cristallino rio retalhadas,
Em torno a cercaõ, aos habitantes dando
Os mais bellos passeios do Universo.
Da fronteira montanha, que dominaõ
Dois famosos conventos, se desfructa
A linda perspectiva da Cidade,
Que tanto he bella, quanto he dentro
Immunda, irregular, e mal calçada.
A terra he pobre, he falta de commercio,
O povo habitador he gente infame,
Avarenta, sem fé, sem probidade,
Inimiga cruel dos Estudantes,
Mas amiga das suas pobres bolças.
Aqui de muito tempo está fundada
A nobre Academia Lusitana.
O monstro, que he dotado de cem olhos,
Que ao longe avista os mais pequenos vultos,
Que de baixo do tecto mais forrado
Nada se passa sem lhe ser notorio,
O monstro, que por outras tantas bocas
Quanto sabe, e naõ sabe poem patente,
Aqui em altas vozes apregoa,
Que vem a Estupidez em breve tempo
Seos dominios cobrar, seo diadema,
Armada de terrivel companhia.
Na minha fantasia acende ó Musa
Hum fogo vivo, poem na minha lingoa
Ex=

Estupidez.

Expressivas palavras, com que pinte
As proezas, que vou dizer agora.
A Academica gente alvoroçada
Não pensa, não conversa em outra coiza,
Em quazi todos geralmente reina
Excessiva alegria, e nos conventos,
De que consta a Cidade em grande parte,
Mandão os Guardiaens que os Refeitorios
De mais vinho, e provimento se recheem.
Da Universidade o grande Chefe
Hum Claustro Universal convoca logo,
Para que em pleno concelho votem todos
O que fazer se deve neste cazo.
Em comprido sallão, cujas paredes
Ricamente compostas tem por ordem
Dos Lusitanos Reys proprios retratos,
Em soberba cadeira se apresenta
O Reitor, e por hum, e outro lado
Os Lentes, e Doutores assentados,
Segundo o vão capricho os destinára,
A dar seo parecer se aprommptão todos.
Tira nisto o barrete o Prezidente,
E ao Lente Primár da Theologia
Acena que comece: logo feito
Ao congresso em geral submissa venia,
O seo voto profere nestes termos.
Muito illustres, e sabios Academicos,
Por direito Divino, e por humano
Creio que deve ser restituida
A grande Estupidez á dignidade,
Que nesta Academia gozou sempre:

Bem

Bem sabeis quaõ sagrados os direitos
Da antiguidade saõ, por elles somos
Ao logar, que occupamos, elevados:
Occulta vos naõ he a violencia,
Com que foi desta posse desbolhada,
Vós testemunhas sois do sentimento,
Com que a vimos partir tam desprezada.
Porem sempre a pezar desse desterro,
Constante tributei dentro em meo peito
Homenagens devidas, á que fôra
Na minha infancia caridoza Mestra,
Em a velhice singular patrona.
Entrai pois companheiros em vós mesmos,
Ponderai sem paixaõ, para que serve
As pestanas queimar sobre os Autores,
A estimavel saude arruinada:
Para levar este tempo em bom socego,
Divertir, e passar alegremente,
Acaso precizais de mais sciencia?
Se os dias desta breve, e curta vida
Tivessemos com os livros perturbado,
Teriamos acaso mais Prebendas,
Mais dinheiro, mais honra, mais estima?
De que podem servir estes estudos,
Que mais da moda se cultivaõ hoje,
A barbara Geometria tam gabada,
Que mil proposiçoens, todas hereticas
Aqui faz ensinar publicamente?
Sabeis para que presta neste mundo?
A sua utilidade temos visto,

Estupidez.

Diga-o a Inquirição, e mais não digo:
Os Goticos estudos nunca ouvidos
Nos tempos, em que tanto floreceo
Hum Lorar maior, que o seo nome,
Hum Capello, hum Fraij Paulo de São Mauro,
Que sempre Morarão os Frades Bentos.
Historias naturais, Fornomias,
Chijmicas, Anatomia, e outros nomes
Difficeis de reter, são as sciencias,
Que vierão trazer os Estrangeiros.
Ha coisa mais cruel, mais deshumana,
Mais contraria á razão, que ver os Medicos
Hum cadaver humano espatifando,
Hum corpo, em que habitou o Espirito Santo?
Nunca tal praticaste, ó grande Lopes,
Quando pello Natal em hum carneiro
O bofe, o coração, as tripas todas
A teos habeis discipulos mostravas.
Quem pode sem desprezo ver hum lente,
D'immensos estudantes rodeado,
Pellos campos vagar, ali colhendo
Huma ervinha, huma flor, hum gafanhoto,
Acolá com hum furil ferindo as pedras?
Deixemos pois hum dia, ó sabia gente,
Estes prestigios, que nos tem cegado,
Ponhamos, como d'antes, estas coisas
Em seo antigo ser: como bons filhos
Recebamos a nossa protectora:
O que foi sempre seo em paz governe.
Qual sussurrante enxame, que em tumulto
Segue a varada, que segue a mestra,

Assim

Canto 3.°

Assim dos Frades todos, e dos Bezerras
Seguio a turba o explanado voto:
Algum destes talvez quizesse oppor-se;
Mas de hum Collega refutar os dittos
Da honra do Collegio he menos cabo.
A porção principal tinha votado,
Faltava a outra, que em desprezo he tida,
Lentes de capa, e espada são chamados,
Que aos Collegios não tem accesso algum,
Nem recolhem da Igreja os doces fructos:
Pello mesmo theor votavão muitos,
Mas chegando a Tijuco, homem singelo,
Que seos dias consome sobre os livros,
Contemplando a profunda natureza,
Os longos comprimentos poem de parte,
E com voz resoluta assim começa:
Não he a gloria vam de distinguir-me,
Que me obriga a encontrar a tantos votos,
Que, por serem conformes, talvez sejão
Ao parecer de muitos verdadeiros.
A gloria do meo Rey, o amor da patria
São dois fortes motivos, que me impellem
A dizer francamente o que penso.
Trazei sabios illustres á memoria
Aquelle tempo, em que contentes vistes
Entrar nesta Cidade triunfante
Ao grande, invicto, e immortal Carvalho,
As vezes dosso Rey representando,
D'aquelle sabio Rey, cujo retrato
Inda agora me anima, e me dá forças
Para que em seo favor, em sua gloria

Passa-

Estupidez

Derramando o meo sangue, exala a vida:
Vistes ao grão Marquez, qual sol brilhante
Da escura noite dissipando as trevas,
A froixa Estupidez lançar ao longo,
Erigir á sciencia novo throno
Em sabios estatutos estribado.
Das vossas mesmas bocas retumbárão
Cantigas de louvor nestas paredes,
O triunfo cantastes na presença
Do zeloso Ministro respeitado:
Que differente lingoagem hoje escuto!
Como he possivel que sem pejo, ou honra
O contrario digais do que dissestes?
As sublimes sciencias da natura
Como podeis tratar com tal desprezo!
O tu sombra immortal, ó grão Ministro,
Da face do teo Deos, onde repouzas,
(A cabeça abanou, deo tres cuádas
Ouvindo esta blasfemia o bom Burtóque,)
Vem hum instante aparecer agora
Aqui nesta assembléa, e destas bocas,
Que em teo nome entoarão tantos hijmnos
Ao heroico triunfo da sciencia,
Blasfemias ouvirás; mas ah! não venhas,
Nem permittão os Ceos que tanto saibas!
Que a dor a tua, que aflicção não fôra
Ver sem fructo as vigilias, os trabalhos
Que por zello da patria padeceste!
Ver sobre tudo ingratos, e falsarios,
Que, affectando apparencias de alegria,
No fundo do seo peito idolatravão

A molle

Canto 5.°

A molle Estupidez como huma Deoza:
Se o mesmo, que antes eras, hoje fosses,
Quizera, ó Paÿ da Patria, que tivessem
Com a tua presença validade
As minhas vozes, o meo zello ardente.
Ainda reinará, com magoa o digo,
Na nova Academia essa tÿranna,
Essa vam Divindade; mas protesto
Que nem hoje a aprovo, e que inimigo
Ha-de em mim encontrar, em quanto o sãgue
Seos circulos fizer neste meo corpo.
Se algum de vós illustres companheiros
Commigo pensa, sem temor exponha
Apezar da torrente os seos discursos;
As almas varonis nunca temerão,
Ainda á vista dos maiores perigos,
Pella gloria da patria, e da verdade
Expor a vida, derramar seo sangue.
Ao dizer destas vozes se arrazarão
De lagrimas seos olhos, e as palavras
Ja presas lhe ficárão na garganta.
Os homens grandes, os varoens preclaros
Tambem sabem chorar, quando a ternura,
O bem da humanidade os estimula.
Nos animos Fradescos, e nos Bocas
Contra Tÿseo hum tal rancor fervia,
Que vivo o tragarião, se a presença
Do serio Presidente o permittisse;
Disfarçando porem com riso, e mofa
A dissonante falla recebêrão;
Acabou-se a funcção, e timorato

Não

Estupidez.

Não decide o Reitor o que se faça.

Era ja noite, e nos Collegios ambos
Exquisitos manjares esperavão
Aos rubicundos, e nutridos Becas;
Nos conventos porem coisa mais grossa,
Em que o dente atolassem, preparavão;
Famosas postas de vitella tenra
Sobre as brazas chiavão nos espetos,
Pirums assados, e tremendos quartos
Do bom carneiro de mil modos feitos,
Muito vinho, presunto, erão as manas,
Com que os seos refeitorios adubavão,
Em quanto os outros com prazer o comião,
E á saude da Dona grandes copos
Do bom vinho enxugavão. Pensativo
O timido Reitor escrupuloso
Passeia as sallas todas, athe chega
O Patricio a saber se inda não cêa
Sua Excellencia, que ja erão horas,
Responde-lhe que não, que estava aflicto,
Os motivos lhe conta consultando-o:
He bom caro Senhor, Vossa Excellencia
O que deve fazer ainda duvida,
Depois de ser de hum voto tanta gente,
Tam sabia, tam distincta? Pouco importa
O que diz meia duzia d'esses homens,
Que apenas são por Lentes conhecidos.
Coma Vossa Excellencia alguma coisa,
Durma, que tudo em paz ha-de fazer-se;

Assim

Canto 3.º

Assim o consolou o bom Mordomo;
Sua Excellencia mais desenquisto fica,
Hum pouco come, e o nosso brando leito
Vai alivio buscar ao seo cuidado.
  As Furias, que em Coimbra ja se achavaõ,
Que no Claustro geral tinhaõ estado
Do famoso Orador pondo na lingoa
Palavras, que ao seo caso mais faziaõ,
Ao sombrio logar, onde descança
O languido Morfeo, ligeiras voaõ;
Nunca ali penetrou a luz da Aurora,
Em perenne repouso dorme tudo,
Somente os frescos Zefiros brincando
Com suave sussurro as folhas movem,
Murmura ao longe cristallina fonte
Escabrosas pedrinhas volteando,
Sobre viçosa relva recostado
Entre rubras papoilas, verdes mirtos,
Nada presente o Deos do que se passa.
Entraõ de pressa no soturno bosque,
Ja quasi dormitando as flores colhem,
Que a molle cabeceira lhe formavaõ,
Dos soniferos ares se retiraõ,
E de improviso ao bello quarto chegaõ,
Aonde ainda perplexo o Presidente
Com os olhos no tecto vigiava.
Mal das flores se espalha o grato cheiro,
Boceja, estende os braços, adormece:
O Fanatismo entaõ tomando a forma
De hum pequeno rapaz gordo, e risonho,

Cujos

Estupidez
Cujos hombros adornaõ duas azas,
Junto ao Leito volteja em outros giros,
E com doces palavras assim falla:
Naõ te assustes homem venerando,
Eu naõ sou coisa má, que te appareça,
Tuas altas virtudes me encaminhaõ
Pena duvida vam a por-te fora,
Aos Lentes, e Doutores, e Estudantes
Ordena que amanham de tarde saiaõ
A receber em prestito pomposo
A nobre Estupidez: faze-lhe as honras,
Que lhe saõ por direito bem devidas.
Com mais se naõ cançou o Fanatismo;
Foi sahir com a sua naõ duvida,
Nem Minerva subtil, e poderosa
Aqui ja lhe fazia a menor guerra,
Como rebelde, e refractaria
Deixou por huma vez os Portuguezes
Com a sua ignorancia, e prejuizos
Docemente abraçados, nisto acorda
O devoto Reitor, e ainda imagina
Que hum Divino claraõ no quarto brilha,
Da cama salta, e a toda a pressa manda
Que venha o Secretario, e os Serventes,
Hum comprido Edital se lavra logo,
Que as ordens da visaõ continha todas
Nellas mesmas palavras, com que ouvira.
O douto Secretario, que em Aveiro
Alcou ja vara branca, o subscripsi
Poem no fim do papel, e o Presidente
Por extenso se assina em lettra grande.

Apre-

Canto 4.º

Apenas o edital se poem na porta
Da grande salla, que para os actos serve,
Entre o corpo, que forma a Academia,
Hum novo rebolíço, hum alvoroço
Geralmente se move, não se fião
Na fe, dos que referem a noticia,
Desejão com seos olhos ver a nova,
Que tam doce alegria lhes motiva:
Deixão os estudantes nos bilhares
A partida no meio, e perturbados
Das capas lanção mão, e as sacodem;
Mas o dono da casa, que o barato
Não dá por bem parado, clama, e grita:
Parceirinhos pagar, nada m'importa
Que venha a Estupidez, ou que não venha:
Dão-lhe dois encontroens, por terra o lanção,
E qual primeiro pellas ruas correm;
Outros no sete he ponto extasiados,
No kipsto, no marimba, e mais na banca,
Os dados com as cartas deitão fora.
Ja mais os obrigou a tanto excesso
Nem do lugubre sino o toque infausto,
Que os chama ás aulas, nem tão pouco a ama
Com a nojenta cea ao lume posta,
Praguejando a tardança, e quem lha causa,
Nem ainda a venal, e immunda moça,
Que fretada os espera a certas horas:
Tal a cega paixão, o vil apego,
Que estes miseros moços tem aos vicios,

Esta

Estupidez

Esta gente revolta, e mal criada,
Tão soberba, e viciosa, que entre tantos
Apenas se acharão ao muito dose,
Que o nome de estudantes bem merecão.
A ler o edital chegão a montes,
E batendo nas palmas, bravo, bravo,
Oh, que ferias agora não teremos,
Viva a Estupidez, dizem saltando.
Nos Collegios, Conventos, e nas Casas,
Os Doutores, Frades, e Estudantes
Disputão sobre o caso, e mil castellos
Acerca do futuro levantando,
Milhorar de fortuna todos cuidão.
Nestas gratas ideias se recreão,
Athe que o sino a grandes vozes brada
Que venhão todos, que he chegada a hora,
Em que o novo edital cumprir se deve:
Promptamente concorrem, e marchando
Ao rouco som de ingratos instrumentos,
Vão a Deosa esperar alem da ponte.
Inda bem ao Convento Franciscano
O prestito não chega, eis de repente
Huma nuvem brilhante vem ao longe
De luzentes estrellas esmaltada,
No meio hum throno ricamente feito,
A molle Estupidez sentada nelle,
Entre tanto apparato ella disfarça
A sua horrenda, natural figura.
He tudo traça das astutas Furias;
Mansos ventos curvados encaminhão
A majestosa pompa: em terra postos
Os soberbos joelhos, com as palmas

Para

Para o Ceo levantadas, se admirão
De vêr baixar com tanta majestade
A Deosa tutelar da sua Athenas.
Brandamente ondeando a nuvem pára
Aonde o Leitor, cos Lentes chefes
Com o queixo cahido pronuncião
Tão grande maravilha nunca vista,
Tendo recato no sumptuoso pallio,
Com que a Deosa recebem reverentes.
Coiza mais espantosa, de improviso
O caminho, que trouxe, a nuvem segue.
A froixa Divindade por tres vezes,
Com alegre semblante, a todos lança
Huma benção Papal, como a bons filhos.
Os Donatos repicão á contenda,
Os descançados mossos dos Conventos,
E pellas freguezias os garotos.
Nimguem se entende com tamanha bulha,
As janellas acode, acode ás ruas
De toda a qualidade immenso povo
Entre tanto com passo vagaroso
Duas compridas alas s'encaminhão
Ao antigo Mosteiro, que disfructão
Os Reverendos Crurios, satisfeitos
De hospedar esta noite a protectora
Da sua santa Caza. A' portaria
Com alegres festins he recebida:
De noite em toda a parte as luminarias
Fazem emulação á luz do dia.
Em funcção de barriga, e de badálo
Fazem os Frades consistir a festa,

Mas

Mas o pio Reitor, que obediente
Ao milagroso sonho ser deseja,
De novo ordena, que se apromptem todos,
Que na manham seguinte bem montados
Irão conduzir á Academia
A regia Estupidez Sua Senhora,
Avizalo tambem os oradores,
Que havião celebrar tam grande festa.
O valido Mordomo, que algum dia
De moxila exerceo o nobre emprego,
Toma a seo cargo o preparar as bestas.
Ainda descançava a roixa Aurora
Nos braços de Amphitrite, os vis lacaios
As portas dos Doutores despedação
A fortes golpes de calhaos tremendos;
Abrem a seo pezar os froixos olhos
Estas almas ditosas, engolfadas
Em mil suaves, e felizes sonhos;
Mas não vendo luzir o Sol nas frestas,
Querem de novo agarrathar o sono:
De balde o querem, que os valentes moços
Cada vez as pancadas mais duplicão.
Tal ha, que a mil diabos encommenda
Os lacaios, e a quem lhos manda á porta,
Por ver o seo descanço interrompido
O seo sono de doze boas horas.
Mas em fim o motivo he forte, e justo,
E para aparecer á Divindade
He preciso o cabello bem composto,
A batina escovada, volta limpa,
Coisas, em que dispendem longo tempo.

Cada

Canto 4.º

Cada qual acceado o mais que pode
Vai buscar ao Reitor, e em companhia
Da huma rica berlinda a seis tirada,
No pateo de Sansaõ se ajuntaõ todos,
Os soberbos capellos ali tomaõ,
Brancos, verdes, vermelhos, e amarellos,
Azul ferrete, ou claro, o mesmo as borlas,
Por humildade os Frades so barrete.
Em duas grandes alas repartidos
Os barrigudos, e vermelhos Mongas
Acompanhaõ saudosos esta grata,
E delles sempre amada Padroeira,
Reverentes a maõ todos lhe beijaõ,
E a todos vai lançando a santa bençaõ:
Chega em fim o Prior, elle prostrado,
O' Deosa, assim lhe diz, ampara, e zella
A estes filhos, que te adoraõ tanto:
Por ti deste socego he que gozamos,
Esta forte saude, esta alegria.
Disfrutamos por tua alta bondade,
Seria para nós ditosa sorte
Se fixasses aqui tua morada;
Mas ja que somos nisso desgraçados,
Benigno influxo sobre nós derrama,
A nossa gratidaõ será constante.
Abraça-o ternamente a Divindade,
Diz-lhe que se console, que ella sempre
Nos seos olhos traria a taõ bons filhos.
A nobre comitiva dos Doutores
Entre os braços a toma, a qual primeiro,
E quazi ao collo na berlinda a mettem:

Logo

Logo montados pellas ruas tornaõ,
Que de mais pouco saõ sempre assistidas,
Huns de encarnado vaõ todos cobertos,
Altivos, soberbos em comsigo assentaõ
Que naõ ha no universo outras figuras
De mais contemplaçaõ, de mais respeito,
O vermelho durante as bestas serve
De compridas gualdrapas, outros picaõ
O fogoso cavallo, quando passaõ
Pella porta de tal, ou tal Senhora,
De preto muitos vaõ; porem os Frades
Vestem ao mesmo tempo muitas cores,
Branco com preto azul ou encarnado.
Se tu ó graõ Fidalgo de la Mancha,
Famoso Dom Quixote, esta aventura
Nos teus andantes dias encontrasses,
A sem pár Dulcinéa quantos destes
A render vassallagem mandarias,
Tu, que naõ perdoaste aos pobres Padres
Conduzindo a cavallo por ser longe
Entre archotes, e velas hum defunto,
Que os fizestes voar de susto, e medo
Pellos campos, e montes, que farias
A esta encamisada de Doutores?
Por gente feiticeira, e endiabrada,
Por máos encantadores os terias,
Como tais o furor de Rocinante,
Do elmo de Mambrino as influencias,
O peso de Sansaõ experimentaraõ.
Mura renova no teu vate o fogo,

Que

Que fizeste ardar na sabia mente,
Não digo de Despreaux, d'aquelle activo
E discreto Dinir na Hissopaida,
Promove, em quanto acabo, que a preguiça
Da molle Estupidez me acometta:
Ja começo a sentir os seos influxos;
Mas ah! que hum éstro de repente agita
A minha fantasia, eu vejo, eu vejo
Da nossa Academia ao grande pateo
Chegar contente a numerosa tropa,
Em triunfo he levada a Deosa Augusta
A hum soberbo, e magestoso throno:
Gemem debaixo della afferrolhados
A sciencia, a razão, o desembuço.
Poem-se em socego os assistentes todos,
Levanta-se o Burtoque, e de joelhos
A' Deosa pede huma comprida venia:
Em barbaro latim começa ufano
A tecer friamente hum elogio
A' sua protectora, e nelle mostra
O quanto he indecente que nas aulas
Em Portuguez se falle, profanando
A sacra Theologia, e as mais sciencias,
Que em forma sylogistica se devem
Os argumentos pôr, sem sylogismo
Não sabe como possa haver verdade,
Nisto mais de hora, e em fim conclue
Animando a que sejão sempre firmes
Na fe, que devem a tão alta Deosa.
Levanta-se depois o grão Pedrosa,

Que

Estupidez

Que da Prima a cadeira em breijs occupa,
Com a beca estendida, a mão no peito
Prostra-se em terra, a sua venia pede.
A' molle Estupidez, que muito folga
De ver hum filho seo com tal presença:
Tão cheio de si mesmo, tam inchado
Principia a falar com voz de estalo,
E com a esquerda acciona, e com a direita,
Que estende as mais das vezes sobre o peito:
Vae em mostrar a gram genealogia
Da nobre Deoza, a quem louvar pertende;
Faz depois elogios nunca ouvidos
Ao direito Romano, e no remate
Concorda em tudo o mais com o seo collega.
Vem depois o Reitor, jura por todos
Submissa obediencia, e lealdade,
Da molle Estupidez poem na cabeça
Huma importante coroa, cravejada
De finissimas pedras do oriente,
As mãos lhe beija logo reverente,
E manda a todos que outro tanto fação.
Os oradores vem, offerece hum delles
A discreta Oração de sapiencia,
Que foi causa de ser tão cedo lente:
Outro o mesmo faz dando a analise
Do parto septimestre, coisa prima.
Hum bando de Filologos rançozos
Depois acode, hum delles assim fala,
Parece que Barossa se apellida:
Soberana senhora, as vossas plantas
Tendes rendido por vontade, e gosto

A por=

A porção principal do vosso Reino.
As portas das sciencias nós guardamos,
Por que sendo as palavras distinctivo,
Que dos brutos separa a especie humana,
Eu creio que so nellas deve o homem
Da vida dispender os curtos dias;
A mocidade pois assim levamos
Nesta bella sciencia industriada,
Quando a mesma palavra se repete
Ou duas, ou tres vezes lhe ensinamos
O nome, que isto tem, quantas apostrofes
Pode o exordio levar sem ser notado.
Nestas coisas, e n'outras similhantes
Da sorte os engolfamos, que supremo
Fica o gosto, se o tem, ás vans sciencias,
Que servem de cançar o espirito humano.
Oh! bom filho, insiste nesse sistema,
Que por ser verdadeiro mais me agrada,
Abraçando-o lhe diz a Divindade.
Sem atras hum varão muito acceado,
Hum livro traz na mão mui doiradinho:
O' Deosa singular, a quem respeito,
Esquecido da minha Fidalguia
Este Poema fiz, que Joanneida
Por nome tem, humilde vo-lo-offereço,
Dignai-vos aceitar a minha offerta.
O' meo Morgado, quanto sou contente
Da tua offerta, ve-lo-has com o tempo,
Aqui ao pé de mim quero te assentes,
Para mostrar o quanto te venero.

Estupidez

Assenta-o junto asi a Divindade.
Dos estudantes vem a turba immensa,
Hum lhe offerece huma flor, hum bixo
Da historia natural suados fructos,
Outro vem todo aflicto mil queixumes
Formando contra hum tal, que lhe usurpára
A gloria de fazer já sette maquinas,
Que subirão ao ar com bom successo.
Filhos amados, lhes replica a Deosa,
Esse vosso cuidado me consola,
Esse disvelo de ajuntar coisinhas
Tão lindas, tão bonitas bem reversia
Huma alma, como a vossa, tão sensivel:
Proseguí nesse estudo, eu vos prometto
A minha protecção em toda a vida;
Ao queixoso assim diz, sinto deveras
Que tenhas essa causa de tristeza;
Mas olha hum bom remedio, outras de novo
Faze, que la irei mesmo em pessoa
Assistir a fazer pertiça inteira.
Os Doutores vão logo por seo turno
Vassalagem render, e vão passando,
A molle Estupidez brinca entretanto
Com os lindos aneis do bom Morgado,
Que aflicto não quizera ter tal honra,
Receiando que ali se descobrisse
Que cabello não he; mas que lhe cobre
A luzida calva cabelleira,
Porque em menos não preza ser bonito,

Do

Do que Fidalgo ser, e ser Tosta.
Seguem-se finalmente os Lentes todos,
Que são alegremente recebidos;
Mas chegando o Frigoso, fica a Deosa
Assombrada de ver tal catadura;
Não menos carregada que a de hum toiro,
Que sopra, e para o trar a terra lança,
Quando para investir se ensaia irado.
Com immensa alegria vem acabada
A geral confissão de vassallagem;
E Em paz gozai, a Deosa assim profere,
Da minha protecção, do meo amparo,
Eu gostosa vos lanço a minha benção,
Continuai, como sois, a ser bons filhos,
Que eu a mesma, que hoje sou, hei-de ser
sempre.

Fim.

4657